

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 1, Número 1, Jul. 2012

TOPONÍMIA ROSIANA



ROSIAN TOPONYMY

Patricia Goulart TONDINELI (UNIMONTES)

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [A AUTORA](#)
RECEBIDO EM 25/06/2012 • APROVADO EM 28/07/2012

Resumo

Este artigo discorre sobre os topônimos no contexto de *Grande Sertão: Veredas*, romance sobre o qual se apresenta levantamento da toponímia presente, seja real ou imaginária. Foram catalogados 462 topônimos de taxés variadas, cuja classificação segue as taxionomias toponímicas expostas por Dick (1990) e divididas em natureza física e antropocultural, que comportam tipologias específicas. As taxés representam, assim, os principais padrões motivadores para a escolha do topônimo.

Abstract

This article discourses of toponymy on them in the context of *Grande Sertão: veredas*, on which the survey is presented in this work toponymy, are real or imaginary. 462 toponyms were registered for various taxes, which follows the classification taxonomies toponymic exposed by Dick (1990) and divided into physical nature and antropocultural, which include specific types. The taxes thus represent the main motivators for choosing standards of the toponym.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Grande sertão: veredas; toponímia; motivação.

KEYWORDS: *Grande Sertão: veredas*; toponimy, motivation.

Texto integral

A necessidade de transformar em palavras as experiências vividas enfatiza a ambígua, mas necessária, relação da palavra, do gesto e do objeto para a consolidação da experiência e da memória, cuja concepção clássica repousa sobre uma fusão de sentidos, afinal, a linguagem, em si e por si só, é esquiva demais para que se confie nela.

A memória existe, portanto, em um processo constante de *performance* e de reação, em cujo processo, a busca constante pela (re)construção do passado é fator primordial para a (re)formulação identitária. É aí, pois, que o estudo toponímico apresenta-se, fundamentalmente, como suporte de identificação, ao sugerir pistas e indicar caminhos interpretativos, tornando-se evidência de comportamentos extintos e de memórias vivenciadas, afinal:

[...] os topônimos se apresentam [...] como importantes fatores de comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da entidade por eles designada. Verdadeiros “testemunhos históricos” de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a Toponímia situa-se como crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. [...] Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica.

Iconicamente simbólico, vai permitir, portanto, através de uma reconstituição de suas características imanentes, a captação de elementos os mais diferenciadores da própria mentalidade do homem, em sua época e em seu tempo, em face das condições ambientais de

O topônimo, funcionalmente, apresenta-se como uma dupla marca linguística, exercendo não apenas um papel sígnico no universo do discurso, mas também funcionando como suporte de identificação, sendo símbolos ideológicos ou do imaginário popular, os quais nos apontam direções (como em *Detrás-das-Duas-Serras*)¹, caminhos físicos (como em *Estrada do mal*) ou posições situacionais (como em *Fazenda Riacho-Abaixo*). Assim, embora, na língua, o signo participe de uma natureza convencional, o mesmo não deve ser aplicado em toponímia: ela é norteada pela função onomástica ou identificadora de lugares e tem caráter motivacional, isto é, é perpassada pela intencionalidade que anima o denominador e pela origem semântica da denominação.

Percebe-se, nesses aspectos motivadores, a importância do elemento denominador e das razões que o fazem “batizar” um determinado local ou região, como também da natureza do produto dessa escolha, isto é, da substância do conteúdo propriamente dita e dos aspectos linguísticos internos. Entretanto, não é possível prever com segurança a intencionalidade que norteou o ato da nomeação, quando da ausência do denominador ou até mesmo a distância cronológica do tempo da denominação, isto é, do surgimento do nome. As hipóteses ou suposições surgem quando não houver registro em mapas cartográficos e livros, o que pode prejudicar o valor de “verdade” do denotante. Além disso, nos estudos toponímicos, há ainda o problema que envolve a natureza do produto da escolha, o denotado: a substância do conteúdo do topônimo refere-se à sua funcionalidade, ou seja, ao problema da taxionomia toponímica.

Os topônimos, por serem unidades consideradas fixas, encadeados na sequência frasal como “um bloco fechado, monolítico, a que não se pode acrescentar nenhum outro componente gramatical [...], sob pena de perda do *status* nominativo validado pela teoria onomástica” (DICK, s.d.), podem adquirir uma forma alternativa para seu uso através da familiaridade do sujeito falante com o lugar nomeado (como em *Da-Areia, Da-Jibóia, Dos-Bois, Do Rio* ou, simplesmente, *Rio*, para a referência, no contexto de *Grande sertão: veredas*, do *Rio Urucúia*: “Rio meu de amor é o Urucúia.” (ROSA, 2001, p. 89).).

Guimarães Rosa pergunta: “Que é um nome? Nome não dá: nome recebe.” (ROSA, 2001, p. 172). Tal questionamento nos faz ver que a gama de nomes – de lugares, de animais, de plantas, de pessoas – que constam na obra do autor não é aleatória; pelo contrário, é imprescindível para a compreensão do texto literário e da dimensão deste sertão que “aceita todos os nomes: aqui é o Gerais, lá é o Chapadão, lá acolá é a caatinga” (ROSA, 2001, p. 506), afinal:

É no aspecto onomástico que o autor típico pode dar assas à imaginação e à originalidade expressiva sem medo de incompreensão [...] É interessante, portanto, observar a população das obras rosianas, pois, à parte do simbolismo inerente nos nomes de muitas das personagens, o rol onomástico e toponímico oferece matéria quase tão vasta quanto o seu sortimento de substantivos, adjetivos e verbos para um estudo das características léxicas do autor. (DANIEL, 1968, p. 70).

Além disso, conforme Marcelo de Almeida Toledo (1982):

[...] para cada mapa que ia um outro mais aperfeiçoado aparecia, novo no velho engaste azul do apartamento. Um dia enfezei e resolvi fazer um definitivo, do qual se pudessem tirar cópias heliográficas. Foi feito em papel vegetal, escala um por um milhão. Então, levei um susto. Mas era um susto de maior alegria. Percebi que Guimarães Rosa já havia feito o mesmo mapa ao escrever o itinerário de Riobaldo. Por que? Explico. **Provavelmente ouviu “causos” contados e os romanceou. Mas antes de situar as ações, pegou um mapa para acompanhar conferindo e lhe deu uma precisão que não havia necessidade de dar.** (TOLEDO, 1982, grifos nossos).

Riobaldo questiona: “Mas, o senhor sério tenciona devassar a raso este mar de territórios, para sortimento de conferir o que existe? Tem seus motivos. Agora – digo por mim – o senhor vem, veio tarde. Tempos foram, os costumes demudaram”. (ROSA, 2001, p. 41).

A Riobaldo, pois, respondemos que sim, mesmo tendo consciência do mar sertanejo que nos cerca e da demudança por ele sofrida. Assim sendo, esta pesquisa, que fez parte do projeto “*Pelo Sertão*”: *geografia, aforismos e filosofia em Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, pretendeu

fazer um levantamento dos topônimos em *Grande sertão: veredas*. Após a classificação dos mesmos conforme Dick (1990), partiu-se para a investigação da origem, da etimologia, da formação linguística, dos aspectos históricos, culturais e ambientais que influenciaram a criação de um nome a partir da intencionalidade do povo e da de Guimarães Rosa.

Afinal, os estudos toponímicos, dentro do alcance pluridisciplinar e semiótico de seu objeto de estudo, constituem um caminho possível para o conhecimento do *modus vivendi* das comunidades linguísticas que ocupam ou ocuparam um determinado espaço². O desenvolvimento linguístico e o intelectual, tanto da humanidade como do indivíduo, caminham juntos, sendo condição prévia, para ambos, a capacidade de abstração e de categorização:

A concepção de espaço sugerida não é apenas a de um sistema de determinações prévias que condiciona as possibilidades de delineamento dos percursos – trilhas por onde os passos podem se aventurar. O espaço também surge como sistema resultante, construção que se efetua exatamente a partir dos caminhos trilhados. Daí a noção de espaço como representação, como proposição de um modelo cujas coordenadas produzem um sentido, como “mapa”. (BRANDÃO, 2005, p. 36).

Para Alan Viggiano (1974), existem algumas perguntas-chave para a questão toponímica em *Grande sertão: veredas*, a saber:

Guimarães Rosa tinha conhecimento direto de toda essa realidade social e ecológica? Ou um conhecimento parcial, que ele supria com a imaginação? Não terão sido muitos lugares apenas pontos de referência concretamente situados e que se destinavam até mesmo a conter sua ilimitada capacidade imaginativa? (VIGGIANO, 1974, p. 16).

Responde-nos Viggiano que Rosa não concebeu nenhum dos nomes constantes em *Grande sertão: veredas*; além, diz que o tão discutido topônimo *Liso do Sussuarão*, inexistente nos mapas, nada mais é, pelo roteiro lógico da obra, do que o *Liso da Campina* ou *Liso da Campanha*, no município

de Formoso, divisa de Minas com a Bahia, antes de chegar ao rio Carinhanha. Por outro lado, nas palavras de Monteiro (2006):

O Liso do Sussuarão parece-me um caso típico de criação. Uma criação para refletir um estado de espírito – ora dificultoso em demasia de ser atravessado ora sem maiores dificuldades – mas como que se colocando dentro de limites lógicos de verossimilhança. O Liso do Sussuarão não é um deserto com oásis de tamareiras, o que seria absurdo de conceber, mas algo que emprestou elementos do Raso da Catarina ou do Jalapão em sua composição. Mas parece que já houve felizardos que conseguiram identificar e localizar cartograficamente não só o Liso do Sussuarão enquanto outros continuam procurando-o.

Talvez o Liso do Sussuarão – cujo nome masculinizado de um grande felino reforça a condição psicológica de medo – seja o exemplo mais vultoso dessa transgressão corográfica. (MONTEIRO, 2006, p. 54).

Entretanto, mesmo que o *Liso do Sussuarão* seja um lugar imaginário, ou localizável com outra denominação, percebemos que a intencionalidade de Rosa se faz presente, e, logo da primeira vez que este topônimo aparece na obra, explica: “O que era, no cujo interior, o Liso do Sussuarão – era um feio mundo, por si, exagerado. O chão sem se vestir, que quase sem seus tufos de capim seco em apraz e apraz, e que se ia e ia, até não-onde a vista não se achava e se perdia.” (ROSA, 2001, p. 524). Vemos, então, que o uso de Sussuarão, aumentativo de suçuarana, foi feito para evocar a imagem de perigo, de aridez própria do sertão de Guimarães Rosa; afinal, essa onça parda prefere *habitat* com vegetação rasteira densa e áreas rochosas, o que condiz com a descrição de *Grande sertão: veredas*: “[...] esse, Liso do Sussuarão, é o mais longe – prá lá, prá lá, nos ermos. Se emenda com si mesmo. Água, não tem. [...] Não tem excrementos. Não tem pássaros”. (ROSA, 2001, p. 50). A suçuarana, além do já exposto, também gosta de atacar à espreita e é uma predadora competente, caçando pequenas e grandes presas, no que nos diz Rosa: “[...] o Liso do Sussuarão não concedia passagem a gente viva, era o *raso* pior havente, era um escampo dos infernos. Se é, se? Ah, existe, meu!” (ROSA, 2001, p. 50). E ainda, “Só saiba: o Liso do Sussuarão concebia silêncio, e produzia uma maldade – feito pessoa!” (ROSA, 2001, p. 67).

Na obra analisada, verifica-se a ocorrência de 462 topônimos³, os quais, por serem uma intersecção dos traços temporal e espacial, designam, significam e podem esclarecer diferentes aspectos e, assim como faz qualquer signo linguístico, servem de referência para o entendimento da realidade/texto em que estão inseridos; enfim, sente-se que têm um significado muito grande nas histórias, e que não resultam de escolhas arbitrárias. Ao contrário, fazem parte integrante de seu sentido estético, em que significante e significado se encontram para emprestar-lhes valor de sinal. Como nos diz Guimarães: “nome de lugar onde alguém já nasceu, devia de estar sagrado.” (ROSA, 2001, p. 58).

Como suporte técnico, no que concerne ao estudo toponímico, utilizamos a taxionomia de Dick (1990), por meio da qual analisamos:

[...] a história da transformação dos nomes dos lugares; a sua evolução fonética; as alterações de diversas ordens; o seu desaparecimento; a sua relação com as migrações, a colonização, os estabelecimentos humanos e o aproveitamento do solo; os nomes inspirados por crenças mitológicas visando algumas vezes assegurar a proteção dos santos ou de Deus [...]. (DICK, 1990, p. 21).

Verificamos que os topônimos de *Grande sertão: veredas* dão conta de todas as categorias sugeridas, a saber: (1) **Animotopônimos** - relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano cuja matéria prima, e, em seu aspecto mais importante, como fator cultural, não pertence ao meio físico propriamente dito. Ex.: *Guararavacã do Guaicuí* (Arraial/lugarejo). Etimologia: Francis Utéza, em *Metafísica do Grande Sertão*, propõe uma explicação etimológica para este topónimo: “Coarar vacã: viver no dulce farniente, no tempo livre; Guaicuí, em Tupi, Rio das Velhas, o rio das Mães.” (UTÉZA, 1994, p. 394). (2) **Antrotopônimos**: topônimos que guardam a lembrança dos primeiros descobridores dos acidentes que nomeiam. Ex.: *José Pedro* (Vau do). Etimologia: homenagem a José Pedro de Alcântara, o primeiro civilizado que conseguiu vencer as matas virgens de então e penetrar nos domínios dos índios aimorés, habitantes da região. (3) **Cromotopônimos**: relativos às cores e suas nuances. Ex.: *Pardo* (Rio. Cidade). Etimologia: do latim *pardus*; tonalidade de cor entre o preto e o branco. (4) **Cronotopônimos**: referentes

a efemérides, datas históricas e demais referências ao tempo cronológico. Ex.: **De-Janeiro** (Porto. Rio). Etimologia: *de* + *janeiro*, do latim *jānūārius*. Primeiro mês do ano civil. (5) **Ergotopônimos**: relativos aos elementos da cultura material do homem. Ex.: *Urucúia* (Cidade. Alto do. Cachoeira-do. Chapadão do. Rio). Etimologia: *Urú* – do tupi; cesto, cofo. *Cuia* – do tupi, folha, a filha do urú, isto é, a palha com que se fazem cestos ou cofos. (6) **Etnotopônimos**: relativos a agrupamentos étnicos, cidades, países, regiões, continentes ou indicativos de procedência geográfica. Ex.: *Goíás* (Estado do Brasil). Etimologia: *Goiaz*, grafia preferível a *Goyaz*, resultou da transformação da antiga forma *Guayaz*, nome indígena, que, à letra, significa povo da mesma raça. (7) **Fitotopônimos**: topônimos relativos à flora. Ex.: *Cateriangongo* (Terras do. Povoado). Etimologia: do banto - *quicongo*, *nkaanti*, grande quantidade; *ia*, de, com; *ngongo*, espécie de árvore, feijão. Grande quantidade de feijão/árvores. (8) **Geomorfotopônimos**: relativos às formas de relevo terrestre. Ex.: *Paredão* (Arraial do). Etimologia: aumentativo de *parede* (+ *-ão*), do latim *pariete* (grande parede). No português do Brasil: ribanceira alta de um rio, muitas vezes, talhada a pique, ou encosta abrupta de serra. (9) **Hidrotopônimos**: relativos aos cursos d'água. Ex.: **Arassuaí** (Cidade. Rio. Vale do). Etimologia: *Araçoyá-y*, o rio do chapéu ou do cocar. Macedo Soares, depois de discordar da interpretação de Martius (*coaracy-by*, o rio do sol e *ara-assu-by*, rio da arara ou do papagaio grande), diz que não seria impossível que fosse corrupção de *iroiçaby*, rio da água muito fria. Também discorda de Saint Hilaire quando diz – *araçu*, certo pássaro ou o ará vermelho, e *by*, *rio*, o rio dos arás. (10) **Hagiotopônimos**: referentes aos nomes de santos e santas do hagiológico romano; assim como termos referentes/alusivos ao catolicismo. Ex.: *Santa Catarina* (Rio. Fazenda). Etimologia: Santa Catarina é dos jovens e das donzelas, por sua virgindade intata. (11) **Litotopônimos**: lugares cujos nomes remetem às coisas de índole mineral. Ex.: *Grão Mogol* (Vila/cidade). Etimologia: origem incerta; nome de um dos mais célebres diamantes do mundo, que a história registra como de origem indiana. (12) **Mitotopônimos**: nomes de lugares que recordam entidades ou objetos mitológicos/folclóricos; também nomes referentes ao espiritismo. Ex.: *Nhanva* (Fazenda). Etimologia: do tupi *Nahn*, um dos nomes indígenas para o espírito do mal, com o acréscimo do verbo *ir*. *Nhanva* – o demônio que anda. (UTEZA, 1994, *apud* STARLING, 1999, p. 27). (13) **Numerotopônimos**: relativos aos nomes constituídos por adjetivos numerais, ou a termos a eles referentes. Ex.: *Meã* (Vereda). Etimologia: feminino de *meão*, do latim *medianu*; nem grande nem pequeno,

mediano, médio. (14) **Sociotopônimos**: topônimos cujos nomes envolvem aglomerados populacionais. Ex.: *Baluart* (Fazenda). Etimologia: do antigo provençal *baluart*, correspondente ao francês do século XV *boulever*, hoje *boulevard*, derivado do médio neerlandês *bolwerq*: reparo, trincheira; fortaleza inexpugnável. (15) **Somatopônimos**: designativos em relação analógica às partes do corpo humano ou às do animal. Ex.: *Timba-Tuvaca* (Arraial/lugarejo). Etimologia: *Timba* – termo de uso regional (Piauí); órgão genital masculino. *Tuvaca* – de *tuva*; relativo aos habitantes. (16) **Zootopônimos**: relativos aos animais. Ex.: *Sucruiú* (Arraial, lugarejo). Etimologia: variante de *sucuriú*, de *sucuri*, do tupi *suku'ri*; serpente de grande porte não peçonhenta, da família dos boídeos, pertencente ao gênero *Eunectes*. (17) **Nomes metafóricos**: topônimos cujos nomes provêm da transferência ou do transporte de palavras/expressões que funcionam como recurso figurativo da/na linguagem. Ex.: *Aiáis* (Arraial). **Etimologia**: vocábulo composto - *aí*, advérbio, do latim *ibi*, com provável interferência de *hĩc*; nesse lugar, nesse momento + *aí*, do tupi *a'ĩ*, preguiça.

Como podemos verificar: “A fascinação rosiana pelos nomes percorre o terreno todo desde o puro gosto pelo som deles [...] até o afeto sentimental por aqueles que estão relacionados com pessoas e lugares conhecidos” (DANIEL, 1968, p. 72). A linguagem toponímica do norte mineiro é, pois, prova viva da sua realidade; como nos diz Weisgerber (1977):

[...] se uma língua materna é determinada pela peculiaridade dos seus criadores, pelas condições geográficas e históricas, pela amplitude e a intensidade do desenvolvimento do acionamento da faculdade linguística, cada palavra ou expressão peculiar traz consigo necessariamente os traços de sua origem. O fato comumente reconhecido de diversidade de línguas revela a sua importância em um ponto não esperado pela maioria: o decisivo não é a diversidade de forma, de fonética, das designações, etc. [...] mas a diversidade de concepção espiritual do mundo que é assimilada em cada língua. (*apud* DICK, 1990, p. 29-30).

A língua, entidade viva e prova irrefutável da história do homem configura-se, portanto, como base da construção identitária de uma sociedade, afinal, a linguagem é produto sócio-histórico e, ao ser analisada sincrônica e diacronicamente, é capaz, portanto, de resgatar a história, quebrar pré-conceitos e (re)significar papéis sociais, sejam eles individuais

ou coletivos. Assim, a toponímia configura-se como produto histórico de um povo, onde “toda variedade regional ou falar **e, consequentemente, nomear**, é, antes de tudo, um instrumento identitário [...]” (BORTONIRICARDO, 2004, p. 33, grifo nosso), por meio de uma atitude construtiva, através do reconhecimento dos fatos linguísticos relatados por ela em toda a sua riqueza, flexibilidade, expressividade e malícia, afinal:

Antes de tudo, a Toponímia é um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente. Pois, como bem esclareceu J. Nuttin, os “fenômenos geralmente tornam-se ‘inteligíveis’ pelo fato de encontrarmos outros fenômenos ou processos que têm alguma relação com elas. Eles se tornam obscuros e desprovidos de sentido à medida que se tornam para nós algo isolado, isto é, sem relação com o que quer que seja. O objetivo da ciência é inserir cada fenômeno numa rede de relações que o ponha em relação com vários outros fenômenos”. (DICK, 1990, p. 35-6).

O topônimo não é, pois, algo estranho ou alheio ao contexto ambiental, histórico, político e cultural de uma comunidade. Ao contrário, reflete e refrata, de perto, a própria essência do ser social, caracterizado pela substância de conteúdo.

Destarte, considerando-se o topônimo como fato da língua, isto é, um signo composto de aspectos físicos, antropológicos e culturais, o seu estudo serve como fonte de conhecimentos do(s) dialeto(s) e como recuperação de fatos físico-geográficos e/ou sócio-históricos-culturais da região pesquisada facilitando, assim, a concepção real da grandeza das veredas sertanejas de Guimarães Rosa.

NOTAS

¹ Todos os exemplos dados foram retirados de *Grande sertão: veredas*.

² “O espaço da ficção concebe a identidade como noção que só se constitui à medida que se refuta, só se ergue à medida que se problematiza, só se cristaliza no momento efêmero de sua dissipação próxima; como a escada [...]” (BRANDÃO, 2005, p. 64).

³ Diferentemente de Viggiano (1974, p. 31), que localiza apenas 230 topônimos em GSV (entre cidades, vilas, povoados, ajuntamento, rios, córregos, veredas e lagoas).

Referências

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. 2. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRANDÃO, Luis Alberto. *Grafias da identidade: literatura contemporânea e imaginário nacional*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lamparina editora/Fale (UFMG), 2005.

DANIEL, Mary L. *João Guimarães Rosa: travessia literária*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1968.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

_____. Atlas Toponímico: um estudo dialetológico. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, s.d., ano 4, n. 10. Disponível em [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(10\)61-69.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(10)61-69.html). Acesso em 15 de junho de 2010.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. “O espaço iluminado no tempo volteador (Grande sertão: veredas). In.: *Estud. av. [on line]*, 2006, v. 20, n. 58, p. 47-64. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142006000300005&script=sci_arttext. Acesso em 25 de julho de 2010.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

STARLING, Heloisa Maria Murgel. Lembranças do Brasil: teoria política, história e ficção em *Grande Sertão: Veredas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

TOLEDO, Marcelo de Almeida. *Grande sertão: veredas*. As trilhas de amor e guerra de Riobaldo Tatarana. Rio de Janeiro: Massao Ohno – M. Lydia pires e Albuquerque/Editores, sob licença da José Olympio Editora, 1982.

UTÉZA, Francis. *Metafísica do Grande Sertão*. Tradução de José Carlos Garbuglio. São Paulo: EDUSP, 1994.

VIGGIANO, Alan. *Itinerário de Riobaldo Tatarana*. Belo Horizonte: Editora Comunicação; Brasília: INL, 1974.

Para citar este artigo

TONDINELI, Patrícia Goulart. Toponímia rosiana. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 1., 2012, p. 145-156.

A autora

Patrícia Goulart Tondineli é doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela PUCMinas. Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela PUC/Minas na linha de Variação e Mudança Linguística. Possui graduação em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Montes Claros (2003) e Especialização em Leitura e Produção Textual pelas Faculdades Santo Agostinho. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Variação Linguística. Atualmente coordena o projeto Variação e percepção das vogais médias pré e postônicas: nível interdialeto, intradialeto e individual; participa do projeto Pelo sertão: Geografia, Aforismos e filosofia em *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, no qual coordena a parte referente ao estudo toponímico. Possui Bolsa de incentivo à pesquisa e ao desenvolvimento tecnológico pela FAPEMIG.